

Da casa ao macrobordel: o remanescente colonial da escravidão e os (necro)negócios *gore*¹ do Brasil contemporâneo, no romance *pssica*²

SHEILA MAUÉS AUTIELLO

Università degli Studi di Milano

sheilamaues@gmail.com

As rotas de exploração sexual na Amazônia Brasileira são um problema invisível e possuem uma conexão profunda com as políticas governamentais de implantação de grandes projetos na região. Os programas desenvolvimentistas de integração nacional, os massivos investimentos dos setores público e privado em obras denominadas infraestruturais, como a derrubada das florestas nativas para a construção de rodovias, a exemplo da Transamazônica, portos e hidrelétricas, com a finalidade de atender, sobretudo, aos interesses do agronegócio e da mineração, intensificaram as vias fluviais e desencadearam

¹ Triana Valencia (2010) propõe a categoria *Capitalismo Gore* para pensar a violência extrema e o uso predatório dos corpos socioeconomicamente vulneráveis, como capital da economia global: «Proponemos el término capitalismo gore, para hacer referencia a la reinterpretación dada a la economía hegemónica y global en los espacios (geográficamente) fronterizos. [...] Tomamos el término gore de un género cinematográfico que hace referencia a la violencia extrema y tajante. Entonces, con capitalismo gore nos referimos al derramamiento de sangre explícito e injustificado (como precio a pagar por el Tercer Mundo que se aferra a seguir las lógicas del capitalismo, cada vez más exigentes), al altísimo porcentaje de vísceras y desmembramientos, frecuentemente mezclados con el crimen organizado, el género y los usos predatorios de los cuerpos, todo esto por medio de la violencia más explícita como herramienta de necroempoderamiento. [...] Cuerpos concebidos como productos de intercambio que alteran y rompen las lógicas del proceso de producción del capital, ya que subvierten los términos de éste al sacar del juego la fase de producción de la mercancía, sustituyéndola por una mercancía encarnada literalmente por el cuerpo y la vida humana, a través de técnicas predatorias de violencia extrema como el secuestro o el asesinato por encargo. [...] Por ello, al hablar de capitalismo gore nos referimos a una transvalorización de valores y de prácticas que se llevan a cabo (de forma más visible) en los territorios fronterizos [...]» (Triana Valencia, Sayak. *Capitalismo Gore*, Santa Cruz de Tenerife, Editorial Melusina, 2010, pp. 15-16).

² O vocábulo “psica” vem da língua Nheengatu, língua indígena brasileira que se origina da família de línguas Tupi-Guarani, derivada, portanto, do tronco Tupi. Significa “azar” ou “maldição”. É muito utilizado na cidade de Belém quando se quer desejar azar, ou uma energia ruim para alguém. Você fala várias vezes: “Psica, psica, psica, psica” e a coisa vai mal. Por isso, Edyr Augusto costuma relatar em entrevistas que colocou dois ‘s’ na palavra, porque tem um sibilar na pronúncia que acentua o azar, dando o sentido de uma falta de sorte muito grande. Em certo trecho do livro, um dos personagens diz: «Eu te roguei uma praga, Portuga. Uma pssica pra vocês não serem felizes» (Augusto, Edyr, *Pssica*, São Paulo, Boitempo, 2015, p. 46).

processos de mudanças sociais e econômicas que se vinculam de modo direto ou indireto aos megaprojetos. Uma delas foi a invasão multitudinária de braços masculinos provenientes das zonas mais pobres do Brasil e dos países vizinhos, defraudados e excitados pelas expectativas de trabalho e pela esperança de elevar de modo vertiginoso seu nível de vida.

Consoante tais condições, a figura da mulher e os desafios da sua subsistência foram vistos como uma consequência do trabalho dos homens. Assim, de acordo com essa lógica, o papel da mulher amazônica ou daquelas que migraram para o interior da floresta, onde ocorriam os grandes projetos, se reduziu a trabalhos domésticos, a busca de casamentos com os trabalhadores da construção, garimpeiros, caminhoneiros e madeireiros e quando essas opções se mostravam infrutíferas, o destino dessas mulheres era o da prostituição.

Tal dinamismo tornou suscetível o lugar da mulher na Amazônia, pois engendrou uma sociedade patriarcal e permissiva à exploração da mulher e ao mercado do sexo, contexto da origem do crime recorrente do tráfico de meninas e mulheres, no qual (ainda hoje) aliciadores e traficantes prosperam diante de graves problemas econômicos das famílias, das desigualdades e vulnerabilidades de gênero que marcam profundamente as trajetórias do feminino amazônico.

É dessa Amazônia, mercado de insumos não apenas materiais, mas também humanos, ligada a redes internacionais sofisticadas, como as redes de consumo de mulheres e crianças para alimentar os macrobordéis do mundo, que fala o romance *Pssica*, de Edyr Augusto. Um texto importante, embora inquietante, e, que dentre os muitos fios temáticos a serem explorados está o da questão da comovente trajetória de meninas e mulheres que perdem os laços familiares e são lançadas num vórtice de abandono e violência, tornando-se um corpo escravo ou mera reserva de estoque para oportunidades comerciais futuras, no trajeto da casa ao macrobordel.

Na fronteira entre a linguagem jornalística e a literária, *Pssica* ficcionaliza muitos fatos verídicos encontrados nas páginas policiais dos jornais da Amazônia. O romance narra a história de Janalice, uma menina de catorze anos, estudante, que mora no subúrbio de Belém do Pará, cidade brasileira conhecida como uma das principais capitais da Amazônia. Bem como prenuncia o nome do livro, *Pssica*, a vida da garota parece ter caído em desgraça, sofrendo uma grande reviravolta depois que o namorado joga na internet um vídeo íntimo do casal. Como consequência deste fato, a menina é surrada e humilhada pelo pai que a expulsa de casa e a envia para a residência de uma tia que mora próximo à zona do meretrício de Belém. Lá, as coisas pioram, a menina faz amizades duvidosas e acaba sendo raptada e transformada em escrava sexual na Ilha do Marajó, e, mais tarde em Caiena, na Guiana Francesa. Uma sucessão dramática de peripécias atinge a jovem que é submetida continuamente aos horrores da violação e da prostituição forçada. A beleza quase trágica da personagem atiaça os mais sórdidos desejos masculinos que a submetem à experiência infinita da proximidade com a morte. Embora este artigo trate apenas da trajetória da personagem Janalice, o romance conta ainda a história de Portuga, um imigrante angolano que tenta mudar de vida montando, em Currálinho, no Marajó, um pequeno comércio que é assaltado por ratos d'água (criminosos violentos que atacam as embarcações para roubar mercadorias, conhecidos também como os "piratas" da Amazônia) e, logo em seguida, entra em uma perseguição vertiginosa para vingar a morte da esposa, degolada pelos bandidos.

Nesse cenário de horror e barbárie, parece não haver limites para tantas tragédias. Quando o azar chega, não possui medida certa, ele simplesmente compele o sujeito a ir até o mais profundo desamparo. Pedro Juan Gutiérrez, autor cubano, no livro *O Rei de*

Havana, diz algo significativo a respeito da sorte daquele que, no mundo contemporâneo, é condenado à pobreza: «O pobre num país pobre só pode esperar o tempo passar e chegar a sua hora. E nesse intervalo, desde que nasce até morrer, o melhor é tratar de não arrumar encrenca. Mas às vezes a gente, sim, arruma encrenca. Ela cai do céu. Assim, grátis. Sem a gente procurar»³. A encrenca que “cai do céu”, citada por Gutiérrez ou a “pssica”, referida por Edyr, não são discursividades de uma má sorte meramente ocasional, mas representações literárias da produção sistemática de vidas que não passam de resíduos da existência humana, vidas que foram social, política e economicamente despojadas de todos os seus atributos não biológicos. As palavras de Gutiérrez, imbuídas de ironia, fazem referência à infelicidade de certas existências humanas, fraturadas e expostas ao poderio de todos ou de qualquer um que se arvora no direito de reinar sobre elas. São a transposição estética de uma lógica político-econômica de exclusão, precarização da vida e exposição à morte que, no caso brasileiro, desde a colonização envolveu as relações de poder.

Assim, ao longo da leitura do romance, gostaria de fazer referimento, de modo contingente, às categorias político-filosóficas que serão centrais para a análise profunda da escritura literária em estudo. São elas, primeiramente, o binômio *vida nua*, e, em menor medida, a noção contemporânea de *soberania*, proposto por Giorgio Agamben; em seguida, o conceito de *necropolítica*⁴, desenvolvido por Achille Mbembe, e, por último, a noção de *Capitalismo Gore*, descrito por Sayak Valencia Triana.

A problemática do tráfico de mulheres levantada pelo livro é complexa, muito antiga e recorrente nos estados brasileiros que integram a Amazônia Legal. A rota de Janalice, personagem em foco nesta leitura, é também a rota da exploração e do abuso sexual de mulheres na região, resultado de uma economia da morte e da dor, um capital que circula enormemente, movido por delírios de poder e de riqueza que oprimem, violam, ferem e exploram os corpos carregados de matabilidade, pela frágil condição socioeconômica que possuem, sobretudo os corpos femininos.

Pssica expõe ao leitor um mundo de barbárie, violento e desumano, situado numa Amazônia sem lei, abandonada e decadente. Um lugar de exploração das riquezas naturais, mas, acima de tudo, da natureza humana, cuja retirada da tutela do Estado e da própria sociedade (sua cúmplice por encantamento e conivência), lança as pessoas à sua sorte.

No nível de realidade no qual Janalice se situa, meninas pobres como ela estão aquém da posse das características mínimas, necessárias para seu reconhecimento como alguém digno de direitos. Por isso, seu corpo torna-se disponível e sujeito a se tornar livre território do outro: «Janalice demorou a acostumar a vista à escuridão. Gemeu pelos chutes que recebeu. Preferiu chorar. Compulsivamente. O que seria aquilo? Só podia ser engano. Era

³ Gutiérrez, Pedro Juan, *O Rei de Havana*, Trad. José Rubens Siqueira, 1. ed. São Paulo, Alfaguara, 2017, p. 31.

⁴ Neste artigo trabalho com a noção de necropolítica, elaborada por Achille Mbembe. O conceito designa as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte e reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Nesta obra, Mbembe demonstra que a noção de biopoder, proposta por Foucault é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, ele propõe a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos” (Mbembe, Achille, *Necropolítica*, São Paulo, n-1 edições, 2018, p. 71).

só uma guria que transara com o namorado e o pai botara de castigo. Uma mão tocou seu ombro. Deu um salto. Não!»⁵.

Nesse contexto, qualquer passo em falso, como ocorre com a personagem, uma expulsão de casa, uma amizade perigosa ou estar no lugar errado, na hora errada, qualquer vacilo, pode ser fatal, pois a “encrenca”, a “pssica” são, na verdade, a marca dessas vidas: «Escruidão. Onde estou?, murmurou. Não sabemos. Foste apanhada? Pssh! Nós estamos na mesma. Eram quatro, com Janalice. Mocinhas. Onde? Eu, quando saí do colégio. Eu, no supermercado. Na rua. Na festa. E tu? O que vão fazer conosco? Não fiz nada. Nem nós»⁶.

Em consequência do abandono a esta esfera de desamparo, uma vez que Janalice é sugada pela espiral dos poderes necropolíticos⁷, a sua existência passa a ser uma descida vertiginosa aos círculos mais sombrios e intoleráveis da experiência humana, e quanto mais fundo vai, piores são os seus castigos: de início é enganada pelo namorado que registra momentos íntimos entre os dois e os divulga na internet; depois é espancada pelo pai e expulsa de casa; mais tarde é violentada na casa do namorado da tia, lugar onde tenta encontrar abrigo; em seguida é enganada por uma amiga que a vende para traficantes de adolescentes, passando, a partir de então de mãos em mãos, sem paradeiro certo, um corpo de muitos donos, território onde todos são senhores. Assim, entre festas de políticos, casas de prostituição e garimpo a adolescente e outras garotas tentam conservar aquele mínimo humano possível, nadando silenciosamente contra a grande maré de violações que inunda suas vidas.

A narração então, torna-se parte fundamental na construção desse universo para muitos, desconhecido, o do tráfico de mulheres na rota entre Belém e Guiana Francesa. O narrador de *Pssica* demonstra ter um conhecimento interno profundo do objeto, mas ao mesmo tempo parece distanciar-se do narrado, quase demonstrando fuga dele, fato manifesto pela grande velocidade que imprime ao texto. É como se fosse um narrador distanciado justamente porque já viu demais, o que acaba por produzir uma forte atmosfera de ansiedade, pessimismo e desolação: «A menstruação não veio. Uma parteira foi chamada para o aborto. Jane perdeu muito sangue, mas ficou apenas três dias sem fazer sexo. A cocaína dava o gás. Um ano se passara desde a sua chegada. Ao se olhar no espelho via ninguém. Quem era aquela?»⁸.

A linguagem é ágil e o padrão rítmico é veloz. Os diálogos são bem construídos e estruturalmente pensados para atender à velocidade da narrativa, eliminando a utilização clássica de travessões ou aspas para indicar os discursos diretos. Inevitável é fazer aqui a comparação desta velocidade com a sensação de insegurança, com a fuga constante de

⁵ Augusto, Edyr, *Pssica*, São Paulo, Boitempo, 2015, p. 22.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Na perspectiva de Achille Mbembe, poderes necropolíticos devem ser aqui compreendidos como aqueles poderes estatais ou não-estatais que operam na identificação dos corpos desmerecedores de proteção e de direitos, cujo fundamento é o mesmo proposto no conceito de foucaultiano de biopolítica: o racismo. Assim, a precariedade de dadas vidas em relação a outras se dá na costura entre o “Racismo de Estado” de Michel Foucault (2010) e o “racismo necropolítico” de Achille Mbembe (2018), relacionado mais diretamente a experiência da escravidão negra no contexto do sistema de *plantation*. As formas de racismo possibilitam ao poder criar na população subdivisões em subespécies, designando-as exclusivamente como substrato biológico. Tal dinâmica objetiva a criação de relações dinâmicas nas quais a violência, exclusão, o cárcere ou a morte daqueles que são inferiores podem ser justificados como meio para tornar a vida da população mais saudável ou mais segura.

⁸ *Ivi*, p. 87.

tudo a passos apressados com os quais se tenta fugir de um possível evento ruim, por conta do abandono à (má)sorte (*pssica*?) ao qual, muitas vezes, as pessoas estão subordinadas, nas cidades brasileiras.

O texto e aquilo de que fala se refletem mutuamente, pois há uma dramaticidade brutal na sintaxe. As orações são costuradas sem indicar o tipo de coordenação ou subordinação, dando origem a uma parataxe violenta que, no caso de *Pssica* evita a monotonia e aumenta a ansiedade para saber o que vem em seguida. Além disso, as frases sumárias e simples e a quase ausência de pontuação tradicional das narrativas, resultam na aceleração da leitura.

Janalice tem catorze anos. Em casa, a mãe chora. Grita. Estapeia. Rasga suas roupas. Entra o pai, com a farda de cobrador de ônibus. Tira o cinto. Espanca. Expulsa de casa. Ela sai chorando pela rua. Em uma esquina, Fenque está com os amigos. Ela chega e pede ajuda. ele a trata mal. Ri de sua cara. Os amigos também. Ela cobra. Ele dá um tapa. Sai fora⁹.

As frases quase lacônicas parecem fazer parte desse capital simbólico em jogo no texto, pois a sintaxe, tão mínima, pode ter como significado o “como” e o “quanto” se fala sobre o tráfico e a exploração sexual de mulheres em nossa sociedade. Notícias curtas, poucas linhas nos impressos, ou seja, uma sintaxe ao mesmo tempo da velocidade e do silêncio, reflexos da pouca importância do tema na mídia e nas conversas corriqueiras do dia a dia. O tema é desagradável. Fala-se rápido, fala-se pouco ou cala-se.

Pelas características acima descritas, nem sempre exclusivas da literatura, considero *Pssica* um amálgama de gêneros, um romance que parece uma novela, que se assemelha a uma reportagem em tom de crônica. Embora tenha como centro do enredo o drama pessoal de Janalice, a protagonista de quatorze anos, a sua fabulação não está centrada em uma única história ficcional, pois é composta por uma pluralidade de três histórias: a da adolescente, a de Manoel Tourinhos, o “Portuga”, um ex-militar que imigra de Angola para tentar vida nova na Amazônia Brasileira, mas que acaba sendo vítima da violência no lugar tendo a mulher assassinada por um grupo de assaltantes, buscando desde então vingar-se; e, a de Preá, um jovem “rato d’água”, como são chamados os criminosos que assaltam embarcações e comércios nas regiões ribeirinhas. Essas narrativas se encaixam entre si formando uma macrofábula. Entretanto sua estrutura não é tão aberta, de modo que se possa acrescentar mais episódios, caracterizando a larga extensão das novelas. Ao contrário, o texto é curto como uma crônica policial que teria como objetivo o registro sucinto de atos criminosos do cotidiano. Contudo, não se pode abandonar vez por outra a sensação de estar lendo uma reportagem sobre o estado de abandono da região e as consequências socioeconômicas que isso traz, impressão reforçada por uma linguagem ágil, pela exposição dos assuntos, pelas frases iniciais de cada capítulo em negrito, que se assemelham aos destaques gráficos dados aos títulos de matérias jornalísticas.

A trama também adere a essa atmosfera de liberalismo em estado puro, pois propõe ao leitor um jogo estético no qual a disposição formal, ao lado da mistura de gêneros não respeitam as sequências cronológicas e as fronteiras das particularidades textuais. Os fatos, portanto, são narrados numa estrutura rizomática que interliga territorialidades e temporalidades aos dramas individuais sociais e históricos. A carnadura do texto está descomposta e para restabelecê-la o leitor precisa associar os motivos ficcionais aos motivos

⁹ *Ivi*, p. 7.

históricos dessa Amazônia de desmandos e lutas. Existe nitidamente uma cumplicidade rítmica entre a estrutura da obra e o seu clima humano, entendendo por este último a atmosfera que envolve as personagens e fortalece a sua musculatura.

Ainda no campo estrutural, quero destacar algo relevante que, um leitor mais tradicional poderia considerar como um procedimento canônico, que indicaria certo comodismo técnico do autor: a figura do investigador de polícia (aposentado), personagem consagrado pelos gêneros policiais, mas utilizado por autores contemporâneos importantes, como Leonardo Padura. Entretanto, ao contrário da expectativa clássica, de que essa personagem possa salvar a protagonista ou resolver os crimes, o que ocorre é a ruptura desse condicionamento. O investigador morre fria e abruptamente, transgredindo essa convenção. A morte do detetive gera dois efeitos. O primeiro diz respeito à representação ficcional do estado necropolítico de abandono em que se encontra a região, segundo o qual, qualquer um pode vir a ser soberano do outro, decidindo sobre a sua morte. O segundo, por consequência, é ao mesmo tempo o reforço da verossimilhança interna e externa, isto é, no universo de *Pssica* a redenção é um conceito posto em cheque, assim como no âmbito da problematização acerca da realidade, explorada no romance, o fato literário emula ao máximo a vida real, pois considerando a teia criminoso envolvida no enredo, o destino da personagem, na vida real, não seria muito diferente.

A narrativa segue como se buscasse saídas. Mas diante da possibilidade de fuga do pesadelo da escravidão, do prazer ante a dor, existe sempre uma impraticabilidade. Isso reforça a atmosfera de adversidade, de uma existência obstaculada pelas condições de subalternidade a qual se encontra reduzida. Uma sensação de estar sem saída, sem possibilidades de recuperar a autonomia, de sair da deriva que se transformou a existência.

Assim, por várias vezes Janalice tenta fazer a travessia dos rios do submundo, mas os barqueiros de *Pssica* são bem mais cruéis que Caronte. Diferente de Dante, que consegue atravessar o Rio Aqueronte e vai avante na sua jornada em busca da redenção, a personagem de Edyr desembarca sempre no lugar do sequestro, do sofrimento e da solidão. O tempo de *Pssica* é o de um *loop* infinito de temporalidades: quando se pensa que as coisas podem mudar, é então que se percebe o retorno do mesmo, melhor dizendo, a repetição infinita da dor como condição imutável para determinados corpos, pois, ainda que pareça haver alguma abertura para a saída da personagem, desse círculo de matabilidade e exploração, a maquinaria de poderes reinventa-se e recria formas de neutralizar sua resistência, “nadificando-a” cada vez mais.

Desse modo, a vida de Janalice é apenas o excesso daquilo que não se sacraliza, melhor dizendo, que não conseguiu se tornar importante para a sociedade contemporânea, empreendedora e hiperconsumista. A sua figura, de escravizada sexual, em vista disso, atualiza as ideias de soberania e de soberano, lidas a partir de Giorgio Agamben, pois diante dela o soberano é qualquer um que se ache no direito de desfrutar do seu corpo, de deixá-la viver ou fazê-la morrer. Janalice é sempre uma dessemelhante, a outra, aquela que se pode desrespeitar.

Gente chorando. Uma das mulheres disse que era melhor se animar. Esses caras aí são poderosos. Melhor obedecer. Fecha os olhos, pensa em outra coisa, sei lá. [...] A porta abre. As meninas saem. Tu, espera, dizem para Jane.

As meninas entram em fila, nuas, enfeitadas por colares. Há vibração no recinto. Elas param e ficam expostas. Barrão toma a palavra. Meus queridos, elas são suas. [...] ¹⁰.

O corpo de Janalice é metonímico, reduzido a partes separadas para o livre uso e comércio de seus possesores. Vê-se isso na sequência do trecho anterior, numa fala da personagem Barrão, prefeito do município de Breves, durante uma festa privativa aos poderosos da Ilha do Marajó:

[...] antes de liberar geral, Philippe vai mostrar a atração da noite. Cheirando a leite. Trazida de Belém por Zé Elídio. [...] Quando Jane entrou naquela sala, um arrepio passou em sua coluna. Sentia como se estivesse em uma jaula de feras famintas, babando por seu corpo. [...] Houve um urro de satisfação. Alguns levantaram antes do tempo e foram contidos. Branquinha, certinha, com seios grandes e uma boceta raspadinha, era o grande troféu da noite. Barrão disse: O nome dela é Jane e, se vocês me permitem, o dono da festa será o primeiro a provar. Depois de mim, façam seus lances ¹¹.

Janalice, ao cair nas mãos dos traficantes é incluída na exclusão mais extrema, tornando-se uma *vida nua*, a própria figura do *homo sacer* de Agamben ¹², isto é, a vida que pode ser retirada, sem que haja condenação do assassino, posto que a vítima trata-se de uma não-pessoa, alguém cuja existência não é prestigiada. Um corpo exposto à violência dos homens que, perante ele, passam a agir como soberanos, reproduzindo nas microrrelações, os padrões do sistema político-econômico neoliberal periférico e pervertido, cujo conceito de democracia pouco se diferencia do poder soberano absolutista.

Em Agamben *homo sacer* é uma figura enigmática do Direito romano arcaico que caracteriza um ser cuja vida não vale nada, pois sua vida é matável e possui sentidos contraditórios: é ao mesmo tempo sagrada e impura; mutável e sacrificável. Ser da margem, está fora tanto do direito humano, quanto do divino, pois é proibido violar coisas sagradas, mas é lícito matar o homem sacro.

A definição de *homo sacer* está, então, sob o signo da ambivalência, na dupla exclusão do mundo dos homens e dos deuses. O *homo sacer* é um ser do limiar que habita a zona de indeterminação, a qual Agamben prefere denominar de estado de exceção.

A vida capturada de Janalice é também um limiar entre sua condenação à morte e sua execução. Do momento em que é narrado seu sequestro até a efetivação de uma possível execução, seu corpo é desligado de seu estatuto político normal e dá entrada em um intervalo de expiações: espancamento, estupro, guerra psicológica, ingestão de drogas pesadas, humilhação, em síntese, abandono aos mais excepcionais acontecimentos. Janalice vive em um estado de exceção.

Sayak Valencia considera o tráfico de mulheres e a exploração sexual um negócio criminoso que faz parte do lado mais obscuro do capitalismo hegemônico e global, ao qual chama de *capitalismo gore*:

¹⁰ *Ivi*, p. 55.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Cf. Agamben, Giorgio, *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010, p. 130.

[...] con dicho término nos referimos al derramamiento de sangre explícito e injustificado, al altísimo porcentaje de vísceras y desmembramientos, frecuentemente mezclados con la precarización económica, el crimen organizado, la construcción binaria del género y los usos predatorios de los cuerpos, todo esto por medio de la violencia más explícita como herramienta de ‘necroempoderamiento’¹³.

O termo *gore*, segundo a autora é uma referência a um gênero cinematográfico extremamente violento, uma subcategoria de filmes de terror com cenas perturbadoras incluindo muito sangue, amputações, exposição de vísceras, agressões brutais, mortes mirabolantes, em suma, um objeto de violência gratuita e excessiva.

Dentro da taxonomia do *capitalismo gore*, de Valencia, os empresários criminosos recebem o nome de sujeitos endriagos¹⁴.

denominamos sujetos endriagos y se caracterizan por combinar la lógica de la carencia (círculos de pobreza tradicional, fracaso e insatisfacción), la lógica del exceso (deseo de hiperconsumo), la lógica de la frustración y la lógica de la heroificación (promovida por los medios de comunicación de masas) con pulsiones de odio y estrategias utilitarias. Resultando anómalos y transgresores frente a la lógica humanista¹⁵.

Pois bem, em minha leitura percebo os traficantes e exploradores de *Pssica*, como sujeitos endriagos, empresários da prostituição, proprietários de corpos escravizados e agentes da violência que se convertem em instrumentos não estatais da necropolítica, desenvolvendo um papel de dispositivos de um sistema que reconfigura a biopolítica foucaultiana, do “fazer viver” e “deixar morrer”; e faz uso da necropolítica segundo Mbembe, do “quem pode viver” e “quem deve morrer”, dado que não só se apropriam da vida de meninas, cujas condições de sobrevivência são consideradas de estado mínimo ou de precariedade, fazendo-as viver ou deixando-as morrer, como também decidem se elas podem viver ou se devem morrer. Os endriagos são «una amalgama entre *emprendedores económicos, emprendedores políticos y especialistas de la violencia*»¹⁶. Eles realizam no romance o que poderíamos considerar como o gerenciamento da violência necropolítica paralela na região amazônica.

A necropolítica na qual os sujeitos endriagos estão absortos, em *Pssica*, é a engrenagem econômica e simbólica que alimenta as práticas de capitalismo gore, como o tráfico de mulheres para os macrobordéis da Guiana Francesa.

¹³ Triana Valencia, Sayak, *op. cit.*, p. 84.

¹⁴ Em *Capitalismo Gore*, Triana assim define e caracteriza os sujeitos endriagos: «El endriago es un personaje literario, un monstruo, cruce de hombre, hidra y dragón. Se caracteriza también por una gran estatura, ligereza de movimientos y condición bestial. Es uno de los enemigos a los que se tiene que enfrentar Amadís de Gaula. 89 En el libro se le describe como un ser dotado de elementos defensivos y ofensivos suficientes para provocar el temor en cualquier adversario. Su fiereza es tal que la ínsula que habita se presenta como un paraje deshabitado, una especie de infierno terrenal al que sólo podrán acceder caballeros cuya heroicidad rondara los límites de la locura y cuya descripción se asemeja a los territorios fronterizos contemporáneos» (p. 89).

¹⁵ *Ivi*, p. 87.

¹⁶ *Ivi*, p. 46.

Promover condições mortíferas ideais para que as vidas entrem no círculo da morte tais como condições de trabalho instáveis, vulnerabilidade econômica, burocracia, modelo familiar desestruturado, instrução precária, produção de subjetividades preconceituosas, misóginas e autoritárias, reprodução de racionalidades que articulam o poder disciplinar autoritário e a mentalidade patriarcal colonial, são a principal contribuição do necropoder para subjugar a vida ao poder de morte, que não será mais exercido com a exclusividade do estado, como política pública de exclusão, mas também, como um negócio excepcionalmente lucrativo.

Zé Elídio, o captador. Philippe Soutin, o intermediário, atravessador. Suki Jun Mihn, o comprador, dono do macrobordel em Caiena. Políticos e empresários, os consumidores. O que os sujeitos endriagos fazem emergir em Janalice é a *vida nua*, através de uma estrutura mafiosa com infiltrações na justiça e na política, o que facilita o processo da “exportação” de mulheres. Na obra, eles sintetizam lógicas neoliberais extremas, colocando-se pelo seu poderio econômico, no papel de soberanos que decidem sobre a vida e a morte de todos, afinal.

Janalice, de um lado, está submetida ao necropoder estatal e de outro ao poder paralelo do crime. Desde o princípio, pela sua condição social, de gênero, de escolaridade, e pela sua regionalidade faz parte daquelas vidas excedentes, improdutivas, que devem morrer, mas que, no entanto, podem servir como mercadoria para os negócios *gore*, do submundo do capitalismo periférico. Assim, as organizações criminosas tiram proveito da lógica da carência social, que compreende círculos de pobreza, fracassos individuais e coletivos, associando-a a desejos de superconsumo neoliberais, masculinidade hegemônica e remanescentes coloniais, como a escravidão e o racismo. Elas exercem efetivos poderes despóticos sobre os corpos de Janalice e das demais garotas, machucando-as, humilhando-as e escravizando-as gerando renda com isso. Essas organizações criminosas tomam parte da variante *gore* do capitalismo, configurado, como explica Valencia¹⁷, pela associação econômica do crime organizado com o Estado e que tem como centro, o lucro que advém de práticas de sequestro, assaltos violentos, assassinatos, construção binária do gênero como afirmação do poder masculino e, sobretudo, uso predatório do corpo.

É nomeadamente o machismo necropolítico que se apropria de Janalice transformando-a em uma lucrativa máquina de fazer dinheiro. Os sujeitos endriagos, machos violentos, se travestem de soberanos e criam uma esfera de exceção, na qual os direitos da garota são suspensos, restando a ela apenas a experiência da desproteção, da incomunicabilidade, de não existir para ela nenhuma reserva de humanidade.

Dessa relação entre aqueles que se impõem como soberanos diante de Janalice e, ela, como vida tornada *nua*, matável, sucedem encontros importantes para esta leitura. O primeiro deles é com o discurso do machismo. Aí, se incluem não só os empreendedores criminosos da comercialização de mulheres, como também outras personagens masculinas do romance. O namorado e o pai de Janalice e o namorado de sua tia, bem como a maioria dos homens que povoam a narrativa apresentam como ideia fundante de sua masculinidade, a violência. O masculino dos homens da narrativa, apoia-se na ação, na imposição da vontade e na iniciativa, justapondo sexualidade e sociabilidade.

Suas habilidades sociais e sua integração ao mundo do sucesso empreendedor têm fundamento na ideia do macho forte, provedor, mas também, na virilidade que se apropria dos corpos, destinos e projetos de vida do outro, em nome principalmente da “honra”, da hiperliberdade individual *per si*, do prazer e do sucesso.

¹⁷ Ivi, p. 47.

Janalice é uma daquelas vidas femininas, que servem apenas de repositórios para todos os experimentos masculinos de afirmação viril e social. Seu namorado se afirma como macho sedutor expondo a relação íntima do casal; seu pai confirma seu papel de macho provedor e pai de família honrado, espancando-a e expulsando-a de casa; o namorado da sua tia vê no estupro uma forma de demonstrar poder e obter algum lucro por ser o proprietário da casa; os traficantes veem nela uma máquina rentável que trará dinheiro e poder. Forma-se assim, um poderoso equipamento de machismos aniquiladores, que se harmonizam aos discursos do neoliberalismo - cujo fundamento se assenta justamente na exploração de pessoas com baixo *status* socioeconômico para a produção de bens em escala global - aos quais diversos petrechos podem encaixar-se, conectando violência sexista, reificação da mulher e fortalecimento de valores que mercantilizam tudo.

Nesse sentido, os conceitos de *vida nua* e de *soberania*, provindos do filósofo italiano Giorgio Agamben, «iluminam-se reciprocamente»¹⁸, pois a vida desqualificada de Janalice está presa, mesmo condicionada às decisões soberanas dos homens da narrativa. Ademais, Agamben considera que a função original da soberania é a produção da *vida nua*. É o soberano, ou aquele que age como soberano, que decide se uma determinada vida deve sujeitar-se a seu poder de morte¹⁹.

A primeira decisão soberana é a do namorado que acredita ter o direito de matar moralmente Janalice divulgando na internet o registro de vídeo do casal fazendo sexo. O segundo a governar o destino de Janalice é o seu pai. Ao saber do mal-aventurado vídeo protagonizado pela sua filha, a espanca, humilha e expulsa de casa. Decide que ela vai morar na casa da tia Daiane, localizada no centro de Belém, próximo a uma das maiores zonas de prostituição da América Latina e do tráfico de drogas da cidade de Belém do Pará, expondo a filha aos perigos evidentes do local, por uma questão de “honra”. Célio, o namorado da tia e proprietário da casa onde Janalice vai morar com o casal também age como soberano do corpo da jovem, violando-a todas as noites enquanto a hospeda.

Mas é Zé Elídio aquele que verdadeiramente consagra a incomunicabilidade de Janalice ao cometer o ato de renomeá-la:

Veio o lanche. Comeu vorazmente. Dormiu. Acordou com barulho. Ele. Aquele homem baixo, gordo, suarento, feio. Não se assuste. Fique longe de mim! Por favor, não vou te fazer mal! Não! Sentou na beira da cama. Como é seu nome, boneca? Não respondeu. Pode dizer seu nome, ao menos? Você é muito arisca, menina. Como se chama? Janalice. Hum, Janalice. Bom, para mim, de hoje em diante, se chamará Jane. [...] De hoje em diante tu és minha²⁰.

Ele atribui a si mesmo a faculdade de nomear a menina, embora ela já tivesse um nome. Ao fazê-lo, no entanto, inaugura simbolicamente uma nova existência para ela, enquanto cancela os vestígios de sua vida autônoma. É a mesma liturgia do batismo das terras conquistadas pelos colonizadores, em realidade, um ritual de expropriação e apropriação simultaneamente.

O feito de nomear é tomado aqui como uma intervenção na realidade de Janalice, e tem como produto máximo a reorganização de seu mundo segundo a vontade soberana, o absurdo poder de passar por cima das convenções de linguagem, criando outro significado

¹⁸ Agamben, Giorgio, *op. cit.*, p. 84.

¹⁹ *Ivi*, p. 85.

²⁰ Augusto, Edyr, *op. cit.*, p. 23.

para um signo já existente, o que torna irrealizável a comunicação. Tentador aqui, porém, é fazer uma pequena pausa para traçar um paralelo entre este trecho de *Pssica* - cuja protagonista se chama (Jan)alice - e um outro excerto de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, no qual Humpty Dumpty e Alice discutem sobre o significado da palavra “glória” e ele afirma que a palavra significa exatamente aquilo que se quer que ela signifique. Porém, quando questionado por Alice se ele poderia fazer as palavras terem significados diversos daqueles que já tinham, Humpty Dumpty responde: «A questão é saber quem é que manda. É só isso»²¹. Quem mandava era Zé Elídio, por isso nomeou-a Jane. Seu novo nome poderia sem muito esforço remeter à personagem Jane, companheira de Tarzan, mas não a Jane literária de Edgar Rice Burroughs, a Jane das fantasias de *sex shop*, uma Jane *porno-necro-gore*, um artefato dos mais rentáveis na atualidade.

Seguindo a leitura, após a nomeação, Zé Elídio conclui o rito com um estupro violento para reforçar sua soberania e o caráter inanimado do corpo de Janalice:

Janalice pulou da cama. Tentou esconder-se no banheiro. Não tinha porta. Aquele homem foi chegando lentamente. Senhor do lugar. Encolheu-se junto a uma parede. Gritou nome de santos. Dos pais. Ele a levantou, chorando. Aquele cheiro, nunca mais esqueceria. E tinha muita força. Deitou-a no chão e a possuiu violentamente. Serviu-se à vontade. Janalice sentiu dor, humilhação, impotência. Tentou resistir. Fechou os olhos. Pensou no namorado. Nos amigos. Na mãe. Acabou²².

Este é o *limiar* de Janalice, o momento em que sua vida cessa de ser politicamente relevante e passa a ser o *homo sacer*, de Giorgio Agamben, quer dizer, uma vida sem valor, que pode ser impunemente eliminada²³. É, precisamente, o momento da expulsão do seu *bando*, o banimento, território onde principia o poder soberano e a *vida nua*, resíduo de uma vida pré-social, segundo Agamben, na qual os vocábulos *homo sacer*, *bandido* e *fora-da-lei* se encontram para significar a *perda da paz*, pena do antigo direito germânico que transformava uma vida em *bandida* (banida, fora do bando), o *friedlos*, «sem paz, e, como tal, podia ser morto por qualquer um sem que se cometesse homicídio»²⁴.

Novamente retorno à simetria entre *homo sacer* - cuja vida se tornou nua - e soberano, recordando Agamben, que cita Sade e traça um paralelo entre as relações que ocorrem na intimidade do *boudoir* (salão) e aquelas que se verifica na *cit * (cidade), no qual as esferas pública e privada permutam seus lugares:

[...] o *boudoir* substitui integralmente a *cit *, numa dimensão em que público e privado, vida nua e existência política trocam seus papéis. A importância crescente do sadomasoquismo na modernidade tem nesta troca a sua raiz; visto que o sadomasoquismo é justamente aquela técnica da sexualidade que consiste em fazer emergir do *partner* a vida nua. E não somente a analogia com o poder soberano   conscientemente evocada por Sade (il n’est point d’homme - ele escreve - qui ne veuille être despote quand il bande), mas a simetria entre

²¹ Carroll, Lewis, *Aventuras de Alice no país das maravilhas; através do espelho e o que Alice encontrou l  e outros textos*, São Paulo, Summus Editorial, 1980, p. 196.

²² Augusto, Edyr, *op. cit.*, p. 24.

²³ Agamben, Giorgio, *op. cit.*, p. 135.

²⁴ Ivi, p. 104.

homo sacer e soberano reencontra-se aqui na cumplicidade que liga o masoquista ao sádico, a vítima ao carrasco²⁵.

Apropriando-me, então, da ideia de Agamben e adaptando-a para aproximá-la do contexto do livro, penso que em *Pssica*, assim como ocorre em *Les 120 journées de Sodome*, a sexualidade é fundamental para a compreensão do conteúdo político puro, contido nos corpos e na sua fisiologia manipulável, pois, é no interior das *maisons*, da vida privada que «todo cidadão pode convocar publicamente qualquer outro para obrigá-lo a satisfazer os próprios desejos. [...] A política passa pelo crivo do *boudoir*»²⁶, o lugar por excelência da necropolítica. Não apenas a vida está em jogo, mas principalmente, a morte, pois, no contexto de *Pssica*, a vida se torna mais valiosa quanto mais for ameaçada. Por isso, a casa, os prostíbulos, as festas privadas e os macrobordéis são o ponto onde se entrecruzam a *vida nua* e o poder soberano, os *boudoirs* onde os soberanos exercem anarquicamente o seu poder sobre as *vidas nuas* do feminino cativo.

Diria, então, que é o *corpus* de Janalice, não a sua parte *homo*, o objeto da política e do necropoder paralelo do crime. O corpo isolado da sua *bios* (vida política ou politizada), a sua parte puramente animal, vista do ponto de vista antropocêntrico, como despreendida da liberdade e da vontade humanas, a parte que se torna comercializável e manipulável. Por isso, a presença importante do rito de nomeação, que demarca no *homo* o processo de transformação de uma vida dinâmica em autômata, suscetível aos comandos do manipulador:

Agora vamos tomar banho. Venha. Puxou-a com delicadeza. Janalice ia feito autômata. Tomaram uma ducha. Ele a limpou ternamente. A enxugou. Vamos jantar. Tô com fome. Não faz isso. Precisas te alimentar, ficar bonita. Ainda demorou alguns minutos. A barriga roncava. Comeu. Voltaram ao quarto. Vestiu-se e saiu. Até mais tarde. Nua, Janalice - ou Jane, de agora em diante - sentiu-se completamente só no mundo e sem nenhuma chance. O que fizera para merecer isso? Encolheu-se em um canto e chorou. Acabou dormindo ali²⁷.

A despeito do trecho citado, ao lado da pergunta lançada pelo narrador, *O que fizera para merecer isso?* formula-se outra, com base no título do livro, *Pssica*: que categoria de azar ou maldição teria atingido a vida de Janalice para que ela tivesse sido sorvida por uma existência tão desamparada?

A palavra “maldição”, gostaria de destacar, aparece com frequência nos estudos de Agamben sobre o *homo sacer*. No entanto, o termo não se apresenta em sentido divino ou religioso, mas sim, político: «*Sacer esto* não é uma fórmula de maldição religiosa, que sanciona o caráter *unheimlich*, isto é, simultaneamente augusto e abjeto, de algo: ela é, ao contrário, a formulação política original da imposição do vínculo soberano»²⁸.

Assim, esta consideração me interessa essencialmente porque, conforme referido ao longo deste capítulo, o nome do livro está relacionado com a ideia de maldição, de infortúnio. Não obstante, a significação de maldição em *Pssica*, segundo percebo é, de fato, um

²⁵ *Ivi*, p. 131.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Augusto, Edyr, *op. cit.*, p. 24.

²⁸ Agamben, Giorgio, *op. cit.*, p. 86.

fenômeno jurídico-político e também econômico que assinala os fatos e suas vinculações ao contexto de abandono social e de entrada de certas vidas, como as de Janalice, em uma maquinaria de poder necropolítico que se conecta a um sistema neoliberalista predatório, que por seu caráter periférico, em países terceiro-mundistas como o Brasil, tem no cancelamento dos direitos o cenário propício para as práticas *gore* de capitalismo.

Assim, retornando à pergunta do narrador, *O que fizera para merecer isso?*, digo que o que ocorre com a vida de Janalice é uma maldição política, imposta por todos aqueles que, em sua existência, exerceram o papel de soberanos, o papel daqueles que mandam, daqueles que nomeiam, daqueles que colonizam territórios, mentes e corpos. A maldição de Janalice, diria Mbembe, foi ter caído no *devir-negro*, visto que no atual estágio do capitalismo os seres humanos são objetificados e rentabilizados como um dia, no período das expansões coloniais, a população negra começou a ser.

Ainda mais característica da fusão potencial entre o capitalismo e o animismo é a possibilidade, muito clara, de transformação dos seres humanos em coisas animadas, dados, numéricos e códigos. Pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo*²⁹.

Os remanescentes coloniais da escravidão e da coisificação racial, retornam e se expandem para outras formas de vida, portando consigo, a ideia de um passado que está preso no tempo e que é a todo momento arremessado em direção ao futuro, condenando-o *a priori*, pelas novas formas de racismo ao qual se aglutinam sexismos, regionalidades, ódios e outras formas fraternas de soberanias excludentes e violentas.

Janalice, embora mestiça, clara, é uma menina pobre de periferia, o que a inclui, pelo gênero e pelo seu *status* social, no devir-negro da matabilidade. No mundo contemporâneo a experiência colonial da escravidão, dos campos de concentração nazistas, do inferno palestino e dos levantes imigratórios são o devir daquelas vidas cada vez menos importantes e improdutivas dos que, inevitavelmente não serão assimilados pelos fluxos financeiros globalizados.

Preso em seu limiar, Janalice está completamente devastada, confunde as línguas, tropeça em frases em francês, que mistura a outras em português. Fala cada vez menos. É uma vida sem mistério. O fogo da sua memória se apagou. Desterritorializada e sob o trabalho minucioso e fatigante do sofrimento contínuo, ela acaba sucumbindo a algo próximo de uma neutralidade, de dejetos frente a essa maquinaria de poder que parece inexorável e onipotente. Seu nome, de forma definitiva e irreversível, será sempre Jane.

Pssica é um lugar de miséria e privações, um território onde a Lei não chega e cujos contrastes separam mundos, criam ilhas como as do arquipélago do Marajó, um dos cenários da história. A esfera que remete à brutalidade do real e na qual o *éthos* das vidas precárias não muda e onde não há redenção. Uma Amazônia impactante que leva

²⁹ Mbembe, Achille, *op. cit.*, p. 18.

inevitavelmente o leitor a refletir sobre como é difícil, porém, imprescindível, reinventar a vida na presença dessa morte que já está dada, em razão das inexistências sociais.

Essa parece ser, inclusive, uma das maiores preocupações do livro, a proposição de uma existência tornada literária que possa vir a ter uma força política. Além disso, gerar um fluxo de potências que comportem transformações de certos *éthos* como, por exemplo, o da representação de uma Amazônia exótica para uma Amazônia real e convincente, de miséria, de ausência do Estado e exploração, de virilidade tóxica e patriarcal; mudança também no âmbito da linguagem que assume de uma vez por todas a linguagem urbana que circula no norte do Brasil, somando a isso uma experiência de velocidade única em se tratando de romance brasileiro, propondo algo próximo do que seria uma leitura dramática e acelerada do caderno policial de um jornal.

Mas acredito que a mais importante das experiências propostas por *Pssica* é a de transformação dos sujeitos, tanto daqueles ficcionais quanto dos leitores, pois ao transcriar a realidade de meninas escravizadas e exploradas sexualmente para a ficção, transmuta seu corpo invisível em uma luminosa existência ficcional, alterando seu *éthos* poeticamente. Reacender suas histórias – de vida ou de morte – e chamar seus nomes, “palavrivê-las”, por fim.

O leitor, após a leitura do livro, de seu *status* desligado, agora pode se inquietar e ponderar profundamente sobre o tema, seja por empatia ou por emoção, sensibilidade. Para encerrar com uma frase de Jacques Rancière: «O real precisa ser ficcionado para ser pensado»³⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, Giorgio, *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*, tradução de Henrique Burigo, 2. Ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.
- Augusto, Edyr, *Pssica*, São Paulo, Boitempo, 2015.
- Carroll, Lewis, *Aventuras de Alice no país das maravilhas; através do espelho e o que Alice encontrou lá e outros textos*, São Paulo, Summus Editorial, 1980.
- Foucault, Michel. *Em defesa da sociedade*. 2ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- Gutiérrez, Pedro Juan, *O Rei de Havana*, trad. José Rubens Siqueira, 1. ed. São Paulo, Alfaguara, 2017.
- Mbembe, Achille, *Necropolítica*, 3. ed. São Paulo, n-1 edições, 2018.
- Rancière, Jacques, *A partilha do sensível*, São Paulo, Editora 34, 2005.
- Triana Valencia, Sayak. *Capitalismo Gore*, 1. Ed. Santa Cruz de Tenerife, Editorial Melusina, 2010.

³⁰ Rancière, Jacques, *A partilha do sensível*, São Paulo, Editora 34, 2005, p. 58.